



FORMAÇÃO E PERFIL EMPREENDEDOR DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

TRAINING AND ENTREPRENEURIAL PROFILE OF STUDENTS OF AN INSTITUTION OF HIGHER EDUCATION

Juliano Nunes Alves⁽¹⁾

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS

Laércio André Gassen Balsan⁽²⁾

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS

Breno Augusto Diniz Pereira⁽³⁾

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo verificar o perfil empreendedor dos alunos de graduação de administração, economia e ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior (IES), a partir de fatores que definem as características empreendedoras em termos de comportamento. Para atingir esse objetivo, realizou-se um levantamento survey, de caráter quantitativo. Participou da pesquisa uma amostra de 167 estudantes. O questionário utilizado para a coleta de dados foi estruturado a partir de Fandiño e Maciel (2008), Hartman (2006), Dolabela (2002), McClelland (1961), Dornelas (2001) e Timonns (1994). Para o processamento e análise dos dados, utilizou-se os softwares “Windows Excel®” e “SPSS 19.0”. Foram realizados testes estatísticos descritivos, indicador de consistência interna Alpha de Cronbach, análise fatorial para definir as características empreendedoras dos alunos em termos de comportamento. Verificou-se que a característica mais importante para os estudantes é a busca por resultados e oportunidades, isso se justifica devido as necessidades que a competitividade do mercado que impõe sobre os estudantes exigindo que o empreendedor tenha capacidade de buscar novas oportunidades. Com os resultados pode-se perceber que os alunos possuem um caráter pró-ativo, mas desde que consigam desenvolver as competências para construir seu próprio destino buscando informações e definindo qual o momento para avançar e aprender com seus próprios erros.

Palavras-chave: Empreendedorismo; potencial empreendedor; características empreendedoras.

ABSTRACT

This study aimed to verify the entrepreneurial profile of students in management, economics and accounting sciences from a Higher Education Institution, based on factors that define the entrepreneurial characteristics in terms of behavior. To achieve this goal, we carried out a survey, with a quantitative character. Participated in the survey a sample of 167 students. The questionnaire used for data collection was structured from Fandiño and Maciel (2008), Hartman (2006), Dolabela (2002), McClelland (1961), Dornelas (2001) and Timonns (1994). For processing and data analysis, we used the software "Windows Excel®" and "SPSS 19.0." Descriptive statistical tests were performed, indicator of internal consistency Cronbach's alpha, factor analysis to define the characteristics of entrepreneurial students in terms of behavior. It was found that the

most important feature for students is the search results and opportunities, this is justified because of the needs that the competitiveness of the market imposes on students demanding that the entrepreneur has the ability to pursue new opportunities. With the results we can see that students have a pro-active character, but since they can develop the skills to build their own destiny seeking information and defining what the moment to advance and learn with their mistakes.

Key Words: Entrepreneurship; entrepreneurial potential; entrepreneurial characteristics.

INTRODUÇÃO

No mundo, sempre houve o interesse em se descobrir os fatores determinantes para o sucesso empresarial. Entre os anos de 2000 e 2008, segundo Nassif et al. (2010) foram publicados nos dois principais eventos sobre o tema 290 artigos, um número a considerar.

Ao se observar os empreendedores de sucesso, conclui-se que eles são o motor do desenvolvimento econômico, da geração de empregos e impostos (SCHUMPETER, 1961). Movidos por essa afirmação, o questionamento que movimenta pesquisadores e estudiosos da área é: Quais são as características dos empreendedores de sucesso? Eles têm algum diferencial dos demais profissionais? Apesar de ainda não ser possível avaliar um indivíduo e afirmar que o mesmo será bem-sucedido enquanto empreendedor pode-se dizer, através de métodos adequados, que esse indivíduo tem determinadas características mais comumente encontradas nos empreendedores.

Nesse sentido, observa-se a oportunidade de conhecer mais sobre o potencial empreendedor dos alunos do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da UNICRUZ, onde estão elencados cursos como Administração, Economia e Ciências Contábeis, propulsores do estudo sobre o empreendedorismo. Surge assim, o interesse em investigar se os alunos que estão cursando os cursos de Administração,

Ciências Contábeis e Economia possuem possibilidade de serem empreendedores. Para responder a esse problema, este estudo teve como objetivo verificar o perfil empreendedor dos alunos de graduação de administração, economia e ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior (IES).

A expectativa deste levantamento é compreender a relação do empreendedorismo diante do potencial acadêmico, por meio da investigação dos traços empreendedores nos alunos de uma Instituição de Ensino Superior, localizada no interior do Rio Grande do Sul, visando alternativas para uma educação mais empreendedora e desenvolvimentista.

REFERENCIAL TEÓRICO

O empreendedorismo é um assunto que vem sendo abordado nos meios acadêmico e empresarial nos últimos tempos. A necessidade das pessoas serem empreendedoras para obterem sucesso em suas profissões tem gerado um vasto campo de estudos e atuações para diversos profissionais.

Para Filion (1999), empreendedor tem grande capacidade de detectar oportunidades e atingir objetivos. No entender de Drucker (1986), empreendedorismo não é arte nem ciência, mas sim uma prática e uma disciplina. O autor considera o empreendedorismo como a prática de trazer o resultado, e o efeito dessa prática. Relaciona empreendedorismo com inovação, dizendo

que os empreendedores têm atitudes inovadoras.

Traços empreendedores

McClelland alertou para o fato que uma característica da personalidade tal como a necessidade de realização influencia o ser humano na direção da intenção empreendedora. Ele distinguiu os indivíduos que possuíam alto grau de necessidade de realização como possuidores de um desejo forte de sucesso nos empreendimentos (INDARTI e KRISTIANSEN, 2004).

Embora nenhum perfil científico tenha sido traçado, as pesquisas têm sido fonte de várias linhas mestras para futuros empreendedores, ajudando-os a situarem-se melhor. A pesquisa sobre empreendedores bem sucedidos, segundo o autor, propicia aos empreendedores em potencial e aos empreendedores de fato a avaliação das características que devem ser aperfeiçoadas para obtenção de sucesso (FILION, 1999).

Chega-se a certo consenso quando se relaciona algumas características, como: traços da personalidade, atitudes e comportamentos que contribuem para o êxito nos negócios. Essas características representam um referencial que possibilita identificar um empreendedor, porém, não há como afirmar que um indivíduo dotado de tais características possa ser um sucesso como empreendedor. O que se pode dizer é que, se determinada pessoa apresenta as características e aptidões mais comumente encontradas nos empreendedores, mais chances terá de ser bem sucedida. (DOLABELA, 1999).

Assim, entende-se a relevância de se destacar a dificuldade em estabelecer um elo entre causa e efeito. Ou seja, não se pode afirmar

que uma pessoa dotada de tais características terá sucesso pleno como empreendedor. O que é possível inferir que indivíduos que apresentem o conjunto harmônico das características até então elencadas, aliado a necessidades, conhecimentos, habilidades e alguns valores poderá ter mais chance de ser bem-sucedido. Todavia essas características não se apresentam constantemente no comportamento do indivíduo empreendedor não possibilitando garantir o sucesso e também como afirma Adorno (1972) no lado psíquico do indivíduo a teoria das organizações exerce um papel determinante influenciando seu comportamento como indivíduo único e indivíduo na organização. Onde ele como afirma Le Bon enfatiza a propensão à sugestão como a principal causa pela qual o indivíduo se sente atraído pela irresistível sedução da massa, isso influenciando por mais que tenha características empreendedoras não consiga demonstra-las.

METODOLOGIA

Diante do objetivo traçado, esta pesquisa classifica-se como descritiva de caráter quantitativa. O presente estudo foi uma adaptação da pesquisa desenvolvida por Hartman (2006) e Fandiño e Maciel (2008), sendo também permeado por orientações e consignações metodológicas de McClelland (1961), Dolabela (2002), Hisrich e Peters (2004). A população objeto do estudo foi composta pelos alunos dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ.

A escolha do caso estudado se deu, considerando a relevância que a Universidade escolhida apresenta para o

desenvolvimento da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, promovendo ações educacionais que levam em conta o interesse social e por se manter comprometida com sua tradição de servir à comunidade e também pelo perfil do egresso desejado que é “Ser um profissional com espírito empreendedor, capacitado a assumir o papel de estrategista, planejador e tomador de decisões nas organizações”.

Para a escolha dos alunos que participaram da pesquisa, utilizou-se o critério de amostragem não probabilística intencional a fim de selecionar alunos que cursaram a disciplina de empreendedorismo, por já terem adquirido conhecimento sobre o tema abordado por este estudo. Esse tipo de amostragem se justifica por ela ser mais indicada em situações que exigem a seleção de um pequeno número da população, produzindo uma amostra mais significativa e representativa do que a amostra probabilística (RICHARDSON, 1989). A amostra ficou constituída por 167 alunos.

No que concerne à coleta de dados, na pesquisa foi utilizado um questionário composto por duas partes. A primeira parte teve por objetivo levantar aspectos demográficos como idade, sexo, estado civil. E identificar: qual o curso, o semestre, se atualmente a pessoa está trabalhando, qual o grau de interesse em ser o próprio patrão, a função que atualmente exerce, há quanto tempo exerce a sua função e se gosta do que faz.

A segunda parte, baseada em Hartman (2006) e Fandiño e Maciel (2008) foi composta por 25 questões, estruturadas em uma escala do tipo Likert de cinco pontos (1=nunca, 2=raramente, 3=algumas vezes; 4=frequentemente, 5=sempre). Os autores utilizados por Hartman (2006) para sustentar teoricamente essa parte do questionário

foram Pinchot e Pellman (2004); Nonaka e Takeuchi (1997); Dornelas (2003); De Masi (2000); Hamel e Prahalad (1995); Hartman, Reis e Kovaleski (2004) e Hartman *et al.* (2005).

A coleta de dados foi coletiva, realizada no local de estudos dos alunos com prévio consentimento das entidades responsáveis. A pesquisa foi realizada mediante aprovação do Comitê de Ética da instituição. Foram atendidas as determinações éticas da resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sobre a pesquisa com seres humanos.

Para o processamento e análise dos dados, utilizou-se os softwares “Windows Excel®” e “SPSS 19.0”. Foram realizados testes estatísticos descritivos, teste de KMO e Esfericidade de Barrlett’s e análise fatorial para identificar as características mais presentes nos alunos pesquisados

ANÁLISE DOS DADOS

Nesta parte do trabalho, busca-se identificar a tendência empreendedora dos graduandos dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia. Participaram do estudo 167 alunos vinculados a uma Instituição de Ensino Superior com sede na cidade de Cruz Alta-RS, sendo 76 homens e 91 mulheres, com idades entre 26 e 57 anos. A grande maioria dos alunos pesquisados são jovens que estão entre 19 e 25 anos (67 %), o que contribui para a análise de quais fatores influenciam a juventude a seguir uma carreira empreendedora. Aproximadamente 11% possuem menos de 19 anos, 14,4% possuem entre 26 e 30 anos e a minoria 7,2 % possuem mais de 30 anos.

Dos alunos pesquisados 59,3% dos alunos são do curso de Administração, 35,3 % do curso de Ciências Contábeis e 5,4 % do

curso de Economia. Esses dados corroboram com os achados do Censo da Educação Superior (MEC/INEP, 2009), que indica uma prevalência, em nível nacional, de alunos no curso de Administração.

A grande maioria dos alunos (71,3%) já trabalhava quando iniciou a graduação. Desses 5,36% trabalhavam por conta própria, sendo que, apenas 4,2% da amostra eram proprietários de empresas. Após verificar a situação do aluno no início da graduação, também foi questionado se os mesmos exercem alguma atividade remunerada atualmente. Nesse sentido, 71,3% da amostra trabalhava antes do início da graduação; e agora, 84,4% trabalham. Ao serem perguntados se teriam interesse de serem os próprios donos do negócio 58% dos alunos disseram que possuem grande interesse em abrir uma empresa. Um estudo realizado por Costa e Soares (2008) verificou que o desejo

maior em abrir o próprio negócio está entre os estudantes que já possuem emprego, ao passo que os que não trabalham estão mais interessados em conseguir um emprego do que em criar seu próprio negócio.

Para verificar se a correlação entre cada par de variáveis pode ser explicada pelas demais variáveis incluídas no estudo calculou-se a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), Tabela 1, em que valores menores do que 0,6 indicam que a análise fatorial é insatisfatória para a explicação da correlação de cada par de variáveis pelas demais variáveis consideradas no estudo (AAKER *et al.*, 2001). Calculando a medida KMO, obteve-se o valor de 0,805, que indica que a aplicação da análise fatorial para o estudo é adequada, dado que cada correlação poderá ser explicada pelas demais variáveis contidas no estudo.

Tabela 1 - KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.	,805
Bartlett's Test of Sphericity Approx. Chi-Square	1531,839
df	378
Sig.	,000

Fonte: Dados da Pesquisa

Como o objetivo da análise fatorial é reduzir o número de variáveis a um pequeno grupo ou construtos, uma questão central que se coloca é sobre a quantidade de fatores que devem constar no modelo (AAKER *et al.*, 2001).

Existem algumas formas, que são citadas a seguir, para se fazer as escolhas do número de fatores:

Critério de eigenvalue: representa a quantidade de variância nas variáveis

originais, que está associada a um fator. Aqui, apenas as variáveis com eigenvalue maiores do que 1,0 são retidas; os demais fatores não são incluídos no modelo. Conforme demonstrado na Tabela 2, o presente estudo, segundo esse critério, apresenta 7 fatores, explicando 58,470% da variância total.

Tabela 2 - Principais fatores pelo método de componentes principais

Componente	Inicial <i>Eigenvalues</i>			Soma das Cargas Fatoriais Extraídas			Soma das Rotações das Cargas Fatoriais		
	Total	% da Variância	Acumulada %	Total	% da Variância	Acumulada %	Total	% da Variância	Acumulada %
1	6,417	22,917	22,917	6,417	22,917	22,917	3,609	12,888	12,888
2	2,898	10,350	33,267	2,898	10,350	33,267	2,695	9,625	22,513
3	1,930	6,893	40,161	1,930	6,893	40,161	2,602	9,291	31,804
4	1,532	5,472	45,632	1,532	5,472	45,632	1,973	7,047	38,852
5	1,385	4,948	50,580	1,385	4,948	50,580	1,971	7,039	45,891
6	1,171	4,184	54,764	1,171	4,184	54,764	1,886	6,737	52,628
7	1,038	3,706	58,470	1,038	3,706	58,470	1,636	5,842	58,470
8	,994	3,551	62,021						
9	,943	3,369	65,390						
10	,864	3,086	68,476						

Fonte: Dados da Pesquisa

b) Critério do gráfico ScreePlot: é a representação gráfica de eigenvalues em relação ao número de fatores, para fins de extração. Tipicamente, o gráfico apresenta uma acentuada interrupção entre o acentuado declive dos valores com grandes autovalores e uma gradual redução relacionada com o restante dos valores. Na Figura 1, é apresentada a abordagem gráfica relacionada ao presente estudo. Pelo que se pode notar, há um acentuado declive no primeiro fator, o que representa a escolha de um fator com a utilização desse critério.

c) Critério de porcentagem da variância: o número de fatores extraído é determinado de maneira que a porcentagem cumulativa da variância, extraída pelos fatores, atinja um nível satisfatório. Este "nível satisfatório", apesar de não haver consenso na literatura, está em torno de 60% da variância total explicada (MALHOTRA, 2001; LATIF, 1994 e AAKER *et al.*, 2001). No presente estudo, observa-se que, utilizando-se esse critério, faz-se necessária a inclusão de 7 fatores, perfazendo um total de 58,47% da variância total explicada.

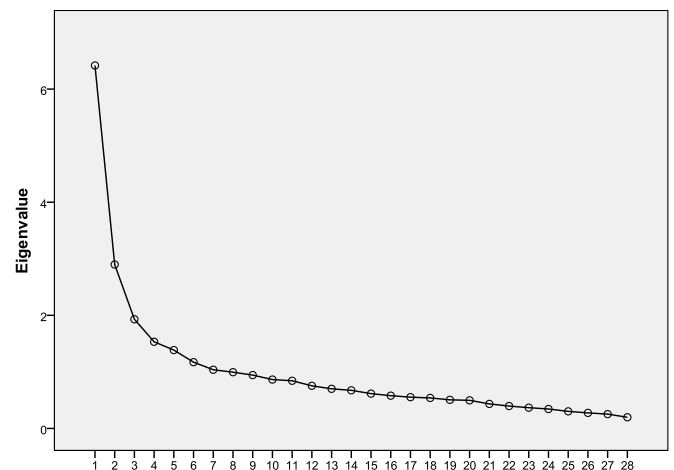


Figura 1 - Distribuição dos fatores pelo gráfico ScreePlot

Fonte: Elaborado pelo autor

Analisando a Tabela 2, observa-se que o autovalor do Fator 1 possui valor 6,417. Calculando a proporção que o primeiro autovalor (6,417) representa em relação à soma de todos os autovalores (6,417+2,898+... +0,197+28,00), encontra-se o valor 22,917%. Fazendo o mesmo cálculo para o segundo autovalor, obtém-se 10,35%, e assim, sucessivamente.

A soma do quadrado das cargas fatoriais para cada variável resulta no valor da comunalidade, que é o índice da variabilidade total explicada pelos 7 fatores para essa variável. No presente estudo foram

retiradas todas as variáveis com comunalidade menor do que 0,5.

Observou-se que, por exemplo, para a questão 23, 3 fatores (1, 2 e 4) são importantes na explicação da sua variabilidade. Isto dificulta a interpretação dos fatores. Para resolver este problema, fez-se uma rotação Varimax da Matriz nos eixos coordenados, de tal forma que os eixos passem pelas maiores nuvens de pontos. Além disso, observou-se que cada questão é explicada, principalmente, por um único fator. Como exemplo, pode-se mencionar a questão 23 a que é explicada, principalmente pelo Fator 1. Também pode-se observar nesse Fator 1, a qual é explicada, principalmente, pelas questões 21, 19, 22, 20, 23, 24 e 16 (Tabela 3).

Calculou-se os alfa de Cronbach, mantendo-se só os itens com cargas fatoriais acima de 0,80. Cerca de 58,470% da variabilidade dos dados é explicada pelos sete fatores principais.

A resposta dos 167 alunos participantes dos itens do questionário, submetidas a análises descritivas produziram médias que variam entre 1,79 a 4,14, e desvios padrão de 1,05 a 1,54. Os resultados estatísticos da pesquisa revelaram, originalmente, a existência de sete fatores de características empreendedoras que influenciam na carreira empreendedora dos alunos conforme demonstrado na Tabela 3.

Tabela 3 - Fatores de características empreendedoras que influenciam na carreira empreendedora

Questão	Alfa	Média	Fator 1 - Busca por resultados e oportunidades
Q21	0,783	3,57	Gosto muito da carreira que posso seguir na minha empresa, mas quero abrir meu negócio.
Q19	0,701	3,85	Sou um colaborador que gosta de participar de conquistas organizacionais e construir valor para a marca da empresa
Q22	0,694	3,19	Sei exatamente que o meu futuro é ser proprietário da minha empresa.
Q20	0,677	3,60	Tenho um melhor desempenho quando realizo e desenvolvo projetos por mim elaborados.
Q23	0,674	3,65	Tenho plena convicção de que se eu tiver o suporte necessário vou desenvolver grandes projetos.
Q24	0,461	3,71	Sou um profissional ciente que posso desenvolver um negócio novo e desta forma contribuir para a criação de riquezas.
Questão	Alfa	Média	Fator 2 - Inovação e Autoconfiança
Q16	0,618	3,36	Quando estou diante de uma situação que parece sem solução, acredito na minha intuição para resolvê-la.
Q17	0,617	2,91	Tenho uma imensa vontade de dizer para meus gestores que a empresa não esta no rumo certo.
Q15	0,611	3,25	Não me importo de trabalhar em ambientes de incerteza.
Q6	0,489	3,54	Quando tenho uma boa ideia fico imaginando como seria a empresa ideal para a ideia dar certo.
Q11	0,471	4,10	Sinto-me realizado quando tenho a oportunidade de construir algo que seja resultado das minhas ideias.
Q13	0,455	2,88	Estou esperando uma oportunidade para implementar um modelo de negócio que tenho pronto.
Questão	Alfa	Média	Fator 3 - Assume riscos e utiliza "modelos" de influencia.
Q9	0,747	3,21	Gosto quando meu chefe toma decisões arriscadas, mesmo que comprometa o departamento todo.
Q8	0,650	3,38	Gosto de tomar decisões complexas e arriscar alternativas novas.

Tabela 3 - Fatores de características empreendedoras que influenciam na carreira empreendedora (continuação)

Questão	Alfa	Média	Fator 1 - Busca por resultados e oportunidades
Q25	0,600	3,08	Prefiro ter que abrir uma empresa e colocar dinheiro do bolso para desenvolver minha ideia, a ter que apresentar um projeto para os acionistas/diretoria da empresa.
Q18	0,576	3,06	Costumo ler biografias de profissionais que fundaram suas próprias empresas.
Q10	0,529	1,79	Estabilidade profissional e segurança financeira não são tudo, gosto de arriscar.
Questão	Alfa	Média	Fator 4 - Visão, auto realização e crescimento
Q2	0,784	3,56	Minha grande virtude é vislumbrar grandes oportunidades de mercado e passá-las para a empresa
Q1	0,731	3,23	O meu grande objetivo é tornar-me diretor da empresa na qual sou empregado/trabalharei.
Questão	Alfa	Média	Fator 5 - Independência
Q5	0,732	1,92	Não gosto de estar com pessoas seguras que me deem um norte para seguir.
Q4	0,721	2,20	Não sonho com uma carreira segura e estável, trabalhando como empregado.
Questão	Alfa	Média	Fator 6 - Constrói seu próprio destino
Q27	0,755	2,95	Fico, a todo o momento, tendo ideias para iniciar um negócio próprio.
Q14	- 0,580	2,57	Prefiro trabalhar em um negócio próprio.
Q26	0,512	3,53	Pretendo alterar minha carreira significativamente, acredito que não ficarei no mesmo ramo que trabalho hoje.
Q12	- 0,440	2,10	Não tenho interesse em participar de grupos de trabalho e/ou associações profissionais.
Questão	Alfa	Média	Fator 7 - Busca informações, aprende com os erros; comprometimento
Q3	0,612	4,14	Sei que para minha carreira há necessidade de conhecer muito bem o setor no qual eu trabalho.
Q7	0,603	3,54	É muito importante ficar lembrando os erros passados para que não ocorram novamente.
Q28	0,393	2,59	Atingir os objetivos da organização é minha responsabilidade, e não apenas dos outros.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a determinação dos fatores foi verificado se os itens referentes às características de um potencial empreendedor apresentavam a estrutura latente observada na literatura. Para tanto, baseou-se nas propostas de Dolabela (2002); McClelland (1961); Dornelas (2001) e Timonns (1994).

Verificou-se que uma relevante característica para os indivíduos seguirem uma carreira empreendedora ficou demonstrada pelo Fator “Busca por resultados e oportunidades”, ou seja, um fator determinante para os indivíduos buscarem novas oportunidades abrindo seus

próprios negócios ou criando novos benefícios para a empresa na qual estiver inserido. Esse fator, composto por seis itens (Q19, Q20, Q21, Q22, Q23 e Q24), vai ao encontro da capacidade que o empreendedor tem de identificar e explorar as oportunidades (McCLELLAND, 1961; DEGEN, 1989; TIMONNS, 1994; DORNELAS, 2001; e, BIRLEY e MUZYKA, 2001).

Outra relevante característica que influencia os alunos na carreira empreendedora com um poder de explicação de aproximadamente 10% foi demonstrada pelo fator “Inovação e autoconfiança”,

indicando que os alunos não têm problemas em trabalhar em um ambiente de insegurança, pois são autoconfiantes e se realizam quando tem a oportunidade de inovar. Esse fator ficou composto por seis itens (Q6, Q11, Q13, Q15, Q16 e Q17). A inovação é uma das características mais citadas por pesquisadores de acordo com Kornijeznk (2004). Carland, Hoy e Carland (1988) e Gimenez *et al.* (2001) são enfáticos ao afirmar que empreendedorismo é inovar.

O Fator 3, com peso de explicação de aproximadamente 7%, foi denominado: “assume riscos e utiliza “modelos” de influencia”, pelas ideias contidas em seus cinco itens (Q8, Q9, Q10, Q18 e Q25). Esse fator evidencia a tendência que os alunos têm de assumir riscos e tomar pessoas bem sucedidas em seus negócios como modelos. Vários autores tais como: Carland, Hoy e Carland (1988); Longenecker, Moore e Petty (1997); Hisrich e Peters (2004); Dolabela (2002); McClelland (1961); e Kaufman (1991) ensinam que o empreendedor se caracteriza por uma postura estratégica em que assume o risco. De acordo com Drucker (1986), indivíduos que precisam contar com a certeza não serão bons empreendedores.

A análise dos itens componentes do Fator 4, levou a sua identificação como “Visão, auto realização e crescimento”, visto que a ideia das variáveis nele contidas permitem perceber uma preocupação com a auto realização e crescimento pessoal, bem como com a capacidade de visualizar novas oportunidades de mercado. Esse fator foi composto por dois itens (Q1e Q2). Seu poder de explicação em 5,472% representa um papel importante na realização pessoal e profissional no mercado de trabalho. Fica claro no relato de Drucker (1992) que, ser empreendedor é vislumbrar uma

oportunidade, nem sempre vista pelos outros. Carland, Hoy e Carland (1988) e Fillion (2000) ensinam que o empreendedor tem a necessidade de realização e imaginam visões sobre o que desejam alcançar. Ele se antecipa aos fatos tendo uma visão futura da organização (Dornelas, 2001).

O Fator 5, com peso de explicação de aproximadamente 5%, foi denominado “Independência” em função de seus dois itens (Q4 e Q5), os quais têm sua ideia central associada à característica dos alunos quererem trabalhar de forma independente podendo definir a melhor forma de realizar seu trabalho (DORNELAS, 2001; McCLELLAND,1961).

O Fator 6, apresenta a característica que o aluno tem de “construir seu próprio destino”. Esse fator foi composto por quatro itens (Q12, Q14, Q26 e Q27) e tem poder de explicação de aproximadamente 4%, sendo referendado na literatura de Dolabela (2002), McClelland (1961) e Dornelas (2001).

O Fator 7 tem por temas predominantes a “Busca de informações, aprende com os erros e se compromete” e apresentou um poder de explicação de 3,706%. As variáveis nele contidas evidenciam que os alunos buscam se informar acerca do setor em que irão trabalhar, bem como busca feedback do seu desempenho. Esse fator também demonstra o comprometimento em atingir os objetivos da organização, pois acredita ser de sua responsabilidade a consecução dos mesmos. Composto por três itens (Q3, Q7 e Q28), esse fator é referendado na literatura e nos trabalhos de McClelland (1961), Timonns (1994), Fillion (1999) e Dolabela (2002). Para Fillion (1999), empreendedores são pessoas que precisam continuar a aprender para agir conforme a situação e usam o fracasso como fonte de aprendizado.

CONCLUSÃO

Os resultados estatísticos da pesquisa revelaram, originalmente, a existência de sete fatores de características empreendedoras em termos de comportamento dos alunos tendo como base o referencial teórico utilizado. Esses sete fatores principais explicam cerca de 58,47% da variabilidade dos dados.

Uma das características destacada foi a capacidade dos alunos de trabalharem em ambientes de insegurança, pois são autoconfiantes e se realizam quando tem a oportunidade de inovar. Alguns alunos demonstraram suscetíveis a assumir riscos, característica básica de um empreendedor conforme teorizado por diversos autores (CARLAND, HOY e CARLAND, 1988; LONGENECKER, MOORE e PETTY, 1997; HISRICH e PETERS, 2004; DOLABELA, 2002; MCCLELLAND, 1961; KAUFMAN, 1991; DOLABELA, 2006).

Apesar de a análise fatorial sugerir algumas características empreendedoras bem marcantes, os fatores 6 e 7 reforçam a necessidade de uma priorização em termos de ensinamentos didáticos durante a vida acadêmica do aluno a fim de instigar e desenvolver mais a capacidade de construir seu próprio destino e a capacidade de buscar informações e aprender com seus próprios erros. Característica essa destacada por McClelland (1961), Timonns (1994), Filion (1999) e Dolabela (2002). Ainda é necessário desenvolver maior consciência nos alunos de sua responsabilidade na consecução dos objetivos organizacionais, tornando-o mais comprometido.

Além disso, percebeu-se que um grande percentual de alunos trabalhava. No entanto, um número mínimo desses indivíduos eram empreendedores. Mesmo assim, a maioria deles (58%) tinham interesse

de abrir seus próprios negócios. Assim sendo, destaca-se a relevância de atividades didáticas que desenvolvam o perfil empreendedor nos alunos de graduação fazendo com que a vontade de abrir seus próprios negócios torne-se realidade. Sabe-se que possuir um perfil empreendedor não é garantia de que o aluno irá abrir seu próprio negócio ou produzirá riqueza internamente dentro das organizações, pois empreender depende de diversos fatores. Contudo, os empreendedores possuem determinadas características e o meio acadêmico tem papel fundamental no desenvolvimento de um perfil empreendedor nos alunos, os quais têm muito a contribuir com nossa sociedade e com o desenvolvimento regional. Segundo Dolabela (1999), o ensino de empreendedorismo vai muito além do ensino do simples ensino tradicional, pois ser empreendedor não significa ter apenas acumulado conhecimento, é necessário que o indivíduo tenha um conjunto de características, que são indispensáveis para sua formação. Assim sendo, os cursos de graduação devem reforçar a formação empreendedora de forma a desenvolver as características empreendedoras dos alunos. Ferreira e Mattos (2003) citam que os cursos devem incentivar as práticas didático-pedagógicas que têm um caráter de simulação do empreendedorismo (solicitação para desenvolvimento de um produto fictício, solicitação para desenvolvimento de uma empresa fictícia, oferta de disciplina sobre empreendedorismo e ensino sobre como elaborar um plano de negócios). As atividades didáticas que se limitam apenas a simples transmissão de conhecimento tendem a não incentivar uma postura empreendedora no aluno e por vezes até restringe seu potencial criativo e o foco dos cursos em transmitir conhecimentos das

ciências gerenciais, torna ainda mais difícil o estímulo à atitude empreendedora.

Não se pretende aqui esgotar esse assunto, mas sim iniciar uma discussão de como as universidades podem desenvolver o perfil empreendedor em seus alunos.

Este estudo apresenta limitações próprias decorrentes do estudo de caso. Sendo assim, para a generalização de suas conclusões há a necessidade de aplicações

futuras em outras Instituições de Ensino Superior. Também se sugere estudos voltados à reflexão dos objetivos, do perfil dos egressos, das grades curriculares e do conteúdo programático dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia.

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2001.

BIRLEY, S.; MUZYKA, D. F. **Dominando os desafios do empreendedor**. São Paulo: Makron Books, 2001.

CARLAND, J. W.; HOY, F.; CARLAND, J. A. C. "Who is an entrepreneur?" Is a question worth asking. **American Journal of Small Business**, v. 12, n. 4, p. 33-39, 1988.

COSTA, F. J.; SOARES, A. A. C. Uma análise da formação científica em cursos de graduação em administração: a perspectiva dos alunos. **Revista de Gestão USP**, v. 15, n. 1, p. 47-60, 2008.

DEGEN, R. J. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa. Uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa**. 13 ed. São Paulo: Cultura, 2002.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999.

DOLABELA, F. **O segredo de Luíza**. São Paulo: Editora de cultura, 2006.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor** – Entrepreneurship: prática e princípios. São Paulo: Pioneira, 1992.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1986.

FANDIÑO, A. M.; MACIEL, J. S. A análise do perfil empreendedor entre alunos de pós-graduação lato sensu (MBA). **Revista Gerenciais**, v. 7, n. 1, p. 61-71, 2008.

FERREIRA, P. G. G.; MATTOS, P. L. C. L. Empreendedorismo e práticas didáticas nos cursos de graduação em administração: os estudantes levantam o problema. In: **Anais do XXVII Encontro da Anpad**. Atibaia: Anpad, 2003.

FILION, L. J. Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 7, n. 3, p. 2-7, 2000.

FILION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas**, v.39, n. 4, São Paulo, p. 6-20, 1999.

GEM – Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo. IBQP, 2010.

GIMENEZ, F. A. P.; INÁCIO Jr, E.; SUNSIN, L. A. de S. B. Uma Investigação Sobre a Tendência do Comportamento Empreendedor. In: SOUZA, E. C. L. de (Org.). **Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas**. Brasília: ANPROTEC, 2001, p. 9-24.

HARTMAN, A. **Avaliação da Cultura Intra-empresarial: desenvolvimento e teste de uma metodologia**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, 2006.

HISRICHE, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5 ed. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2004.

INDARTI, N.; KRISTIANSEN, S. Determinants of entrepreneurial intention: the case of Norwegian student. **Gadjah Mada International Journal of Business**, v.5, n.1, 2004.

KAUFMAN, L. **Passaporte para o ano 2000**. São Paulo: Makron Books, 1991.

KORNIJEZNIK, F. B. S. **Características empreendedoras de pequenos empresários de Brasília.** Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

LONGENECKER, J. G.; MOORE, C. W; PETTY, J. W. **Administração de pequenas empresas: ênfase na gerência empresarial.** São Paulo: Makron Books, 1997.

MARKMAN, G. D.; BARON, R. A. Person-entrepreneurship fit: why some people are more successful as entrepreneurs than others. **Human Resource Management Review**, v. 13, n. 2, p. 281-301, 2003.

McCLELLAND, D. C. **A sociedade competitiva: realização e progresso social.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

McCLELLAND, D. C. **The achieving society.** New York: The Free Press, 1961.

NASSIF, V. M. J.; JORGE, V. M.; ONO, A. T.; BONTEMPO, P. C.; TINOCO, T. Empreendedorismo: área em evolução? Uma revisão dos estudos e artigos publicados entre 2000 e 2008. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 175-192, 2010.

RICHARDSON, J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1989.

SCHUMPETER, J.A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico.** Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil: Relatório de Pesquisa.** SEBRAE, Brasília, 2004.

TIMMONS, J. **New venture creation. 4. ed. Boston: Irwin McGraw-Hill, 1994.**

NOTAS

(1) Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Graduação em Administração de Empresas pela Universidade de Cruz Alta. Atualmente é professor titular da Universidade de Cruz Alta.

(2) Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

⁽³⁾ Doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Graduação em Curso de Administração pela Universidade Federal de Viçosa/UFV. Atualmente é professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria e Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA/CCSH/UFSM).

Enviado: 08/06/2012

Aceito: 06/11/2015

Publicado: 14/12/2015